

Recebido
20 abril 2025

Aprovado
30 maio 2025

NUPPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PESQUISA E EXTENSÃO

FASB
Faculdade de Letras e Artes



JORGE DE LIMA E SUA VEIA VANGUARDISTA NA CENA LITERÁRIA DO POETA VIRIATO DA CRUZ

JORGE DE LIMA AND HIS AVANT-GARDE VEIN IN THE LITERARY SCENE OF THE POET VIRIATO DA CRUZ

Valci Vieira dos Santos

Pós-doutorado em Letras (Universidade Federal do Espírito Santo). Doutor em Estudos Literários/
Literatura Comparada (Universidade Federal Fluminense).

E-mail: profvalcivieira@gmail.com

DOI <https://doi.org/10.26893/rm.v41i41.581>

□□□

Resumo: Neste estudo, faz-se uma análise comparativa a partir de dois projetos literários representativos das literaturas brasileira e angolana: Jorge de Lima (2016), poeta brasileiro, alagoano, e suas significativas influências no fazer literário de Viriato da Cruz (1961), poeta angolano. O seu objetivo é demonstrar o quanto foi importante para os dois poetas a troca de experiências, especialmente as contribuições nos campos literário, cultural, político e social. Por meio da análise comparativa, a pesquisa conta com contribuições bibliográficas de pesquisadores, como Carlos Ervedosa (1979), Massaud Moisés (2013), Ivan Junqueira (2007) e Gramiro de Mato (1996).

Palavras-chave: Literatura comparada. Jorge de Lima. Literatura angolana. Viriato da Cruz.

Abstract: This text performs a comparative analysis based on two literary projects representative of Brazilian and Angolan literature: Jorge de Lima (2016), a Brazilian poet from Alagoas, and his significant influences on the literary making of Viriato da Cruz (1961), an Angolan poet. Its objective is to demonstrate how important the exchange of experiences was for the two poets, especially the contributions in the literary, cultural, political and social fields. Through comparative analysis, the research relies on bibliographic contributions from researchers such as Carlos Ervedosa (1979), Massaud Moisés (2013), Ivan Junqueira (2007) and Gramiro de Mato (1996).

Keywords: Comparative literature. Jorge de Lima. Angolan literature. Viriato da Cruz.

□□□

INTRODUÇÃO

A vanguarda é, como se sabe, tudo aquilo que prepara, anuncia e precede. No campo dos estudos poéticos, a vanguarda tem encontrado um terreno fértil, talvez pelo fato de a poesia se constituir nesse espaço, por excelência, onde a linguagem é apurada e potencialidades expressivas concretizadas.

Nesse sentido, é possível entender o porquê de não poucos poetas estarem constantemente em busca

do novo, perseguindo com afincos novas formas e estruturas de expressão, às quais é adicionada a linguagem da emoção humana.

No âmbito da literatura brasileira, não são poucos os poetas que se arvoraram em torno da reinvenção poética, imprimindo-lhe sua veia transgressora. Jorge de Lima, poeta alagoano, faz parte dessa plêiade. Para o crítico Gilberto Mendonça Teles (2001), em sua seleção dos melhores poemas de Jorge Lima, a obra do poeta é um verdadeiro caleidoscópio, ou seja, há um universo e aprofundamento de temas, que vai desde a arte de poetar com os parnasianos e simbolistas, a pensar na ideologia científica dos positivistas, bem como a dialogar com as festas religiosas que vão ganhar espaço significativo em seu imaginário de poeta.

O fazer poético de Jorge de Lima, marcado por uma sólida e reconhecida experiência literária, correrá o mundo, sendo admirado e tendo influenciado tantos outros poetas.

Viriato da Cruz (1928-1973), poeta angolano, nasceu em Kikuvo, Porto Amboim, tendo completado os seus estudos em Luanda, capital de Angola. Ele é um exemplo, dentre inúmeros poetas das literaturas africanas de expressão portuguesa, que foi influenciado por Jorge de Lima, e, por isso mesmo, buscou dialogar com o seu projeto literário. Cruz é concebido como um dos mais significativos impulsionadores de uma poesia de cariz regionalista angolana, descartando-se nas décadas de 1940 e 1950.

Não faltam, na cena literária de Viriato da Cruz, referências à questão social, racial e de dominação, temas tão caros à produção literária do poeta alagoano, como, *v.g.*, o seu poema “Mamá Negra”, em cujo flagrante diálogo com o poema “Olá! Negro”, de Lima, faz-se sentir sua influência nas literaturas modernas africanas lusófonas. Além disso, costuma-se caracterizar a sua obra, tendo em vista o apego que ela dispensa aos valores africanos, seja no campo temático, seja no da forma.

O nome de Viriato da Cruz acha-se, também, inserido no rol de importantes personalidades angolanas, tendo tornado, inclusive, um dos grandes mentores do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola¹ (1948) e da *Revista Mensagem*² (1951-1952).

Assim, este texto pretende analisar, comparativamente, alguns dos poemas de Jorge de Lima e de Viriato da Cruz, evidenciando

diálogos interculturais, quais sejam, formação histórica, questões de ordem étnica, sincretismos religiosos, intertextualidades literárias, todos constantes do imaginário criador de dois grandes representantes das literaturas brasileira e angolana, unidas pelos laços comuns de nações colonizadas por Portugal.

JORGE DE LIMA E VIRIATO DA CRUZ: DUAS VOZES QUE SE AFINAM E SE HARMONIZAM

A literatura brasileira guarda estreitos laços com as literaturas africanas lusófonas, afinal, foram “vítimas” do mesmo dominador estrangeiro. Nesse sentido, *mutatis mutandis*, todas elas procuraram desenvolver instrumentos de luta e de combate contra as garras quase sempre afiadas do algoz colonizador. Dentre esses instrumentos, a literatura, sem dúvida, tornou-se um poderoso veículo de combate e resistência em face da dependência cultural e literária imposta por Portugal a esses países africanos de língua portuguesa.

Diante do fato de o Brasil ter se tornado o primeiro a alcançar a descolonização cultural e política de Portugal, é compreensível que os demais países lusófonos procurassem estreitar os laços com o Brasil, especialmente por possuírem a língua portuguesa como instrumento oficial e comum de comunicação. Por outro lado, em função do vanguardismo brasileiro em termos de “grito de independência”, em relação aos demais países africanos de expressão portuguesa, era de se esperar que a literatura brasileira passasse a se desenvolver e buscar sua autonomia muito antes das demais. Por isso mesmo, ela passou a representar uma importante fonte de inspiração e pesquisa para o universo literário lusófono.

Inúmeros são os depoimentos de intelectuais e literatos, de diferentes literaturas africanas de língua portuguesa, que se revelam terem sido influenciados por escritores e poetas brasileiros, até porque, estes intelectuais já haviam manifestado a mesma tomada de consciência, no que diz respeito às formas culturais importadas do estrangeiro. Dessa forma, para além de influências sofridas no campo do pensamento e de formas literárias, os intelectuais africanos de língua portuguesa procuraram também beber de fontes outras: análises de cunho cultural, política, social, econômico, além de costumes brasileiros passaram a servir de motivos e temas para

fortalecer os seus desejos de liberdade. O poema “A Serenata”, v.g., do poeta cabo-verdiano Oswaldo de Alcântara, i.e., Baltazar Lopes, é emblemático, nesse sentido:

Uma voz canta sentimentalmente um samba

[...]

O meio-tom brasileiro deixa interrogativamente a sua nostalgia

[...]

Passa a serenata

Mas no coração dos que teme a primeira luz do

Dia que vai chegar

Ficam os gemidos do violão e do cavaquinho,

Vozes crioulas neste nocturno brasileiro

de Cabe Verde.

(Matos, 1996, p. 143)

As singularidades e semelhanças, que marcam o estreitamento de laços entre a comunidade africana lusófona, continuam a reverberar através das vozes de seus poetas. Jorge Barbosa, também cabo-verdiano, se expressou acerca da profunda identidade histórica, cultural e literária que o seu povo manteve com o Brasil, ainda que poucos foram os que puderam pisar em solo brasileiro. Mas, por outro lado, dispunham de um dos mais eficientes meios de conhecimento sobre a cultura de um povo: sua literatura. No poema intitulado “Você, Brasil”, Jorge Barbosa aciona sua potência verbal para demonstrar o quanto se identificava com as “coisas” do Brasil:

Eu gosto de Você, Brasil,

Porque Você é parecido com a minha terra.

Eu bem sei que Você é mundão

e que a minha terra são

dez ilhas perdidas no Atlântico

sem nenhuma importância no mapa.

Eu já ouvi falar das suas cidades:

A maravilhosa Rio de Janeiro,

São Paulo dinâmico.

Pernambuco.
Baía de Todos-os-Santos,
ao passo que as daqui
não passam de três pequenas cidades.
Eu sei isso perfeitamente bem,
mas Você é parecido com a minha Terra.

É o seu povo que se parece com o meu,
é o seu falar português
que se parece com o nosso,
ambos cheios de sotaque vagaroso,
de sílabas pisadas na ponta da língua,
de alongamentos timbrados nos lábios,
e de expressão terníssimas e desconcertantes.
É à alma da nossa gente humilde que reflecte
a alma da sua gente humilde,
ambas cristãs e supersticiosas,
sentindo ainda saudades antigas
dos sertões africanos,
compreendendo uma poesia natural
que ninguém lhes disse
e sabendo uma filosofia sem erudição que ninguém
lhes ensinou
o gosto dos seus sambas, Brasil, das suas batu-
cadas,
dos seus cateretês, das suas toadas de negros
caiu também no gosto da gente de cá,
que os canta e dança e sente
com o mesmo entusiasmo
e com o mesmo desalento também.

[...]

(Matos, 1996, p. 144-145)

Assim, os ecos que a literatura brasileira apresenta nas literaturas africanas de língua portuguesa, em diversos níveis, sejam eles político, cultural, social, linguístico ou literário, se acentuam

com o tempo, especialmente quando nos deparamos com uma miríade de textos de autores brasileiros e africanos que dialogam entre si, evidenciando, dessa forma, a intertextualidade presente nos dois universos literários.

O segundo quartel do século XX, nesse sentido, torna-se emblemático; basta verificarmos a quantidade de escritores brasileiros que exerceram significativa influência na escrita de jovens escritores e poetas das literaturas africanas de língua portuguesa. Os nomes de Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Manoel Bandeira, Jorge Lima, João Cabral de Melo Neto, José Lins do Rego, Raquel de Queirós, Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Cruz e Sousa, dentre outros, tiveram uma importância crucial na formação desses jovens escritores e poetas, sobretudo em função de suas narrativas e lirismos poéticos, que, com suas temáticas sociais, políticas, culturais revolucionárias, passaram a contribuir para que o incômodo da dominação portuguesa e a exploração de seu povo passassem a provocar a criação de importantes obras literárias denunciadoras da opressão do colonizador, além de oferecer munção para a escrita de matérias provocativas nos mais diferentes jornais e revistas dos países africanos de língua portuguesa.

A literatura angolana, nesse particular, revelou-se, desde sempre, manifestamente aberta ao diálogo com a cultura brasileira. Aliás, não faltaram escritores e poetas angolanos que demonstraram esse sentimento de irmandade. Maurício Gomes, por exemplo, nascido em Luanda, em 1920, foi um dos primeiros poetas modernistas de Angola a se identificar com as veias literárias de autores brasileiros³.

Gomes (1988), em seu poema “Exortação”, publicado na *Antologia dos Novos Poetas de Angola*⁴, a qual, provavelmente, veio a lume no ano de 1950, e tem sido considerada como a primeira e principal manifestação da modernidade literária angolana, num primeiro momento, exalta Ribeiro Couto e Manoel Bandeira, poetas do Brasil-irmão; num segundo, solta sua voz e chama a atenção para a importância de se criar uma literatura que seja verdadeiramente angolana, uma poesia que fale de Angola, que descubra temas e motivos de sua terra:

Ribeiro Couto e Manuel Bandeira,
Poetas do Brasil,
Do Brasil, nosso irmão
Disseram:
“ — É preciso criar a poesia brasileira,
De versos quentes, fortes, como o Brasil
Sem macaquear a literatura lusíada”
Angola grita pela minha voz,
Pedindo a seus filhos nova poesia!

Deixemos moldes arcaicos,
[...]
E cantemos a nossa terra
E toda a sua beleza

Angola, grande promessa do futuro,

Forte realidade do presente,
Inspira novas ideias,
Encerra ricos motivos

É preciso inventar a poesia de Angola!
[...]

A posição que o Poeta vanguardista assume num tempo de busca por uma literatura que seja genuinamente angolana parece também fazer coro com o lema que se tornou célebre, no interior do *Movimento dos Novos Intelectuais de Angola*: “Vamos descobrir Angola!”. Os integrantes deste Movimento, do qual Viriato da Cruz também fez parte, há muito procuraram rever os rumos da sociedade angolana, segregada pelo colonialismo, por isso mesmo passaram a apostar na modernidade.

Além da *Antologia dos Novos Poetas de Angola*, já citada acima, a *Revista Mensagem*, também aludida, exerceu um considerável papel nas discussões dos jovens intelectuais, cujas bandeiras tremulavam em prol da redescoberta de seu país e de uma modernização cultural, sem, contudo, alijar a cultural tradicional.

Dessa forma, o modernismo brasileiro apresentou a eles um projeto literário e ideológico com caráter de ruptura. Os angolanos, assim, estabeleceram interlocução com a dinâmica das reflexões empreendidas pelos novos ares da literatura brasileira, pois sabiam muito bem o que fora o movimento modernista de 1922. Até eles havia chegado, nítido, o ‘grito do ipiranga’ das artes e letras brasileiras, e a lição dos seus escritores mais representativos, em especial de Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Lins do Rego e Jorge Amado, foi bem assimilada (Erverdosa, 1978, p. 84).

Acerca da interlocução facilmente percebida entre vozes de escritores brasileiros e angolanos, avultam-se as de Jorge de Lima e de Viriato da Cruz.

Jorge de Lima (1895-1953), alagoano, é um poeta que, consoante Gilberto Mendonça Teles (2001), possui uma obra poética que é um inequívoco caleidoscópio. As diversas facetas da poesia de Jorge de Lima revelam o potencial do arquiteto da palavra. O Poeta inicia seu périplo pelo modernismo brasileiro, com o livro *Poemas*, o qual é marcado pela ampliação de temas, pela adesão de formas coloquiais que se adéquam à expressão moderna. Ainda para Teles (2001, p. 12), em sua introdução aos *Poemas de Jorge de Lima*, “o mesmo vai se dar com “Novos Poemas”, sobretudo a partir do êxito com “Essa Negra Fulô”, e com *Poemas Escolhidos*, no qual no poema “Nordeste” se cruzam várias referências culturais, inclusive a do sebastianismo.”

Dentre os muitos poemas de Jorge de Lima que influenciaram as literaturas modernas africanas lusófonas, o poema “Olá! Negro”, escrito na década de 20, que evidencia as questões social, racial e de dominação, calou fundo na alma de Viriato da Cruz. Este, em seu poema “Mamá Negra” (Canto de Esperança), mantém estreitos laços com a voz poética de Jorge de Lima. Senão, vejamos:

O diálogo entre os dois poemas se revela flagrante a começar pelos títulos de ambos. O título de “Mamá Negra” (Canto de Esperança) se refere à África, terra-mãe do Poeta. O poema foi escrito em memória do poeta haitiano, Jacques Roumain, que sentiu as injustiças sociais pesarem sobre os ombros de seu país, durante os anos de opressão impostos pelos franceses e pela ocupação norte-americana, no período de 19 anos.

O poema inicia-se com uma evocação: “Tua presença, minha Mãe — drama vivo duma Raça.” Ao fazê-lo, o eu lírico conclama a “Mamá Negra”, para ver o “drama de carne e sangue” a que se submetem seus filhos, diante da imposição de atitudes e comportamentos ditados pela figura do colonizador, e “que a Vida escrever com a pena dos séculos!”, séculos de escravidão e subjugo.

Há muitas vozes, por entre seus fios poéticos, que se misturam a tantas outras vozes que gemem blues, esse canto que emana do coração, como forma de expressão de um povo oprimido e sofrido. Canto de lamento de negros que gritavam por independência, liberdade, que se agigantavam diante da agonia da indecisão, do desespero e da angústia dos destituídos de direitos e invisibilizados pela arrogância de povos colonizadores. Vozes saídas das mais diferentes direções e lugares, todos representativos de espaços marcados pela dor e sofrimento; destinos para onde foram levados homens, mulheres e crianças, criminalmente arrancados de suas terras, de suas parentelas, para satisfazer o desejo desenfreado de conquistas e de posses de seus algozes:

[...]

Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais

[dos seringais dos algodoais!...

Vozes das plantações de Virgínia

dos campos das Carolinas

Alabama

Cuba

Brasil...

Vozes dos engenhos dos bangüês das tongas dos eitos

[das pampas das minas!

Vozes de Harlem Hill District South

vozes das senzalas!

Vozes gemento blues, subindo do Mississipi, ecoando

[dos vagões!

Vozes chorando na voz de Corrothers:

Lord God, what will have we done

— Vozes de toda América! Vozes de toda África!

Voz de todas as vozes, na voz ativa de Langston

Na bela voz de Guillén...

[...]

(Cruz, 1961, p. 27)

O diálogo deste poema com o de Jorge de Lima, “Olá! Negro”, acontece em linha reta. Nele, a esperança pode estar no dia que nasce: “Olá! Negro! / O dia está nascendo! / O dia está nascendo ou será a tua gargalhada que vem vindo?” (Lima, 2016, p. 108). Em “Mamá Negra”, a esperança também dá o tom, mesmo diante do conflito que se instaura no ser da Mãe África: “Pelos teus olhos, minha Mãe / Vejo oceanos de dor / Claridades de sol-posto, paisagens / Roxas paisagens / Dramas de Cam e Jafé ... / Mas vejo (Oh! se vejo! ...) / mas vejo também que a luz roubada aos teus / [olhos, ora esplende / demoniacamente tentadora — como a Certeza ... / cintilantemente firme — como a Esperança ... / em nós outros, teus filhos, / gerando, formando, anunciando — / o dia da humanidade (Cruz, 1961, p. 27-28).

Outro aspecto relevante, de natureza formal, é que, em “Mamá Negra”, o diálogo com “Olá! Negro” acontece numa quase repetição de versos: “para os canaviais do Brasil, / para o tronco, para o colar de ferro, para a canga / de todos os senhores do mundo;” (“Olá! Negro”, Lima, 2016, p. 106); enquanto “Pela tua voz / Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais / [dos seringais dos algodoais!...” (“Mamá Negra”, Cruz, 1961, p. 27). Ou, ainda, quando evoca lugares, países, onde forçosamente trabalharam os negros: “Negro que foste para o algodão de U.S.A. / para os canaviais do Brasil” (“Olá! Negro”, Lima, 2016, p. 107); “Vozes das plantações de Virgínia / dos campos das Carolinas / Alabama / Cuba / Brasil... / Vozes gemendo blues, subindo do Mississipi, ecoando [dos vagões!” (“Mamá Negra”, Cruz, 1961, p. 27).

O certo é que, sobretudo no campo temático, o diálogo é uma constante. A força de expressão potencializa vozes múltiplas, denunciadoras de preconceitos étnico-raciais, cuja dimensão é de alcance ao protesto social e político e ao anticolonialismo. Em

Apanhavas com vontade de cantar,
 choravas com vontade de sorrir,
 com vontade de fazer mandinga para o branco ficar bom,
 para o chicote doer menos,
 para o dia acabar e negro dormir!
 (Lima, 2016, p. 108)

Em última análise, estamos diante de dois poemas que mantêm estreitos laços que são claramente demonstrados a partir da irmandade estabelecida entre Viriato da Cruz e Jorge de Lima, por intermédio do poder que a literatura possui, qual seja, retroalimentar vozes de literatos que se identificam por vários motivos, dentre eles, o de se reconhecerem na dor, no sofrimento e no desejo de resistência e liberdade, de modo a manter suas tradições, a valorizar as coisas de sua terra, de resgatar da memória pessoas, eventos, imagens, paisagens, usos e costumes.

Esse mesmo estado de coisas se faz presente, também, em dois outros poemas, os quais, em muitos aspectos, dialogam entre si: “Serra da Barriga”, de Jorge de Lima, e “Makèzu”, de Viriato da Cruz.

O poema “Serra da Barriga” foi lançado originalmente em *Novos poemas*, composto de 21 textos, o qual, para Ivan Junqueira, “traz um dado novo na obra de Jorge de Lima, cujo verbo se fez carne no sentido de que sua poesia afro-nordestina é de fato a expressão carnal do Brasil mais adoçado pela influência africana” (Junqueira, 2007, p. 11).

Na primeira estrofe do poema, o eu-lírico se depara com uma imagem que faz acionar o componente ideológico, pois, enquanto “As outras montanhas se cobrem de neve, / de noiva, de nuvem, de verde!” (Lima, 2016, p. 134), o sujeito poemático reconhece o valor de sua gente, de suas ancestralidades, e diz: “E tu, de Loanda, de panos-da-costa, / de argolas, de congas, de quilombos!” (*Ibidem*, p. 134).

É possível, ao percorrer os versos de “Serra Barriga”, identificar uma voz denunciante, que se coloca diante da alusão à cor branca, a qual demonstra possuir uma pretensa superioridade étnica. Duas imagens se contrapõem: uma, das montanhas brancas, símbolo de exploração econômica e subjugo; outra, que representa o espaço de memórias, da casa onde viveu o sujeito poético cercada de elementos da natureza que ajudaram a compor o cenário bucólico, capitaneado pela “Serra da Barriga”,

cujos contornos metaforizam os traçados da “negra-mina”: “buchuda, redonda, jeito de mama, de anca, de ventre de negra!” (Lima, 2016, p. 134).

As memórias de “Serra Barriga” não trazem, ao sujeito poético, apenas aquelas lembranças de seu passado distante, de sua infância, mas também as que, quem sabe por intervenção humana, alheia, ou por capricho da natureza, mudaram o cenário e sua composição. O eu do sujeito poético encontra-se amargurado, inconformado, sentindo-se órfão em função da perda de sua ancestralidade, de suas tradições e raízes e cultura, por isso sua voz (re)clama:

Mundaú te lambeu! Mundaú te lambeu!
 Cadê teus bumbuns, teus sambas, teus jongos?
 Serra da Barriga,
 Serra da Barriga, as tuas noites de mandinga,
 Cheirando a maconha, cheirando a liamba?
 Os teus meios-dias: tibum nos peraus!
 Tibum nas lagoas?
 [...]
 (Lima, 2016, p. 134-135)

Diante, portanto, das mudanças sofridas pela paisagem, pela substituição de hábitos e costumes, resta, tão-somente, ao eu poético, alimentar-se das cenas que povoaram um passado que não deseja ser esquecido nem perdido.

“Makèzu”, do poeta angolano Viriato da Cruz, assume, também, uma voz de denúncia ao contrapor a modernização dos costumes ao antigo *modus vivendi* de um povo que não quer perder seus velhos costumes: “— Não sabe?! Todo esse povo / Pegô num costume novo / Qui diz qué civrização: / Como só pão com chouriço / Ou toma café com pão [...]” (Cruz, 1961, p. 58).

Já no título de “Makèzu”, encontra-se uma referência à linguagem popular, fortes marcas da oralidade (em quimbundo e não em português). Nota-se, aqui, o desejo de se romper com uma linguagem que, em verdade, não transmitia os sentimentos do povo angolano, daí, quem sabe, a necessidade de se demarcar território.

O choque de gerações fica evidente em versos do poema, quando os jovens não dão mais a devida atenção e consideração aos

mais velhos. A voz do velho, do antigo, não consegue mais ecoar nem ressoar aos ouvidos dos tempos modernos: “Nem criados, nem pedreiros / Nem alegres lavadeiras / Dessa nova geração / Das ‘venidas de alcatrão’ / Ouvem o fraco pregão / Da velhinha quitandeira” (Cruz, 1961, p. 58). Uma voz de lamento se levanta. Ela não se conforma com a desatenção e insensibilidade de seus interlocutores. Não consegue mais vender suas quitandas, porque não mais convence a nova geração acerca de seus produtos: “— Kualié! ... Makèzu, Makèzu... / — Antão, veia, hoje nada? / — Nada, mano Filisberto... / Hoje os tempo tá mudado [...]” (*Ibidem*, p. 58).

À medida que o leitor do poema “Makèzu” percorre seus fios poéticos, vários questionamentos do eu lírico colocam a todos em permanente estado de alerta, para a importância de se valorizar o mundo das tradições, das raízes, que “t[ê]m força de makèzu”, ou seja, raízes estas que vêm sendo ameaçadas pelo que chamam de “civilização”, mas a velha quitandeira carrega em seu cesto o “mata bicho” (ou erva de Santa Maria, mastruz ou mantruz) ou desjejum tradicional, em cuja composição estão a cola (noz-de-cola, também chamada de abajá, café-do-sudão, cola, mukezu, cujas sementes possuem ação estimulante e um gosto amargo e grande quantidade de cafeína, empregada por muitas culturas do oeste africano) e o gengibre, que é mastigado. Estes ingredientes, por suas qualidades revigorantes, simbolizam a força de uma tradição, de vozes que não se quedam facilmente, diante do novo, do estranho, “mbundo kène muxima”, isto é, de quem não tem coração: — Eles nã sabe o que diz ... / — Pru qué qui vivi filiz / E tem cem ano eu e tu? / — É pruguê nossas rais / Tem força do makèzu [...]” (*Ibidem*, p. 59).

Dessa forma, este texto poético provoca a todos reflexões a respeito da importância de se valorizar as tradições e a cultura de um povo, de uma nação. A manutenção de marcas do quimbundo, no poema, é uma forma de mostrar o quanto é fundamental não perder de vista a linguagem que faz unir povos, gerações, num permanente intercâmbio entre culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo simbiótico mostra-se visivelmente entre as manifestações literárias brasileiras e as literaturas africanas de língua portuguesa. As intertextualidades constantes das poéticas de Jorge de

Lima e de Viriato da Cruz são assaz reveladoras. O contato do poeta angolano, através de suas leituras e vivências com o projeto literário de Jorge de Lima, importante poeta vanguardista da literatura brasileira, sem dúvida, apontou para o enriquecimento de ambas as leituras literárias: de um lado, as ressonâncias e reverberações da cultura brasileira contribuíram para o fortalecimento de uma consciência literária e política de poetas e escritores africanos lusófonos; de outro, a recepção às obras de poetas e escritores brasileiros os fez tornar conhecidos e sua literatura assimilada.

As afinidades e similaridades entre os dois poetas são muitas, portanto. No plano literário, o diálogo é permanente. A leitura poética, contida em seus textos literários acerca de seu povo e de seu mundo, dá mostras cabais de dicções de literaturas comprometidas com o projeto de Nação, de identidade literária, a bem da verdade. Estamos diante, portanto, de dois protagonistas com seus discursos poéticos inovadores; dois vanguardistas que escreveram seus nomes na galeria de quem soube fazer história, história literária. O Atlântico que os tentou separar, não deu conta de impedir a simbiose entre culturas afins.

NOTAS

1 O Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA) se constituiu numa organização de natureza cultural nacionalista, de Angola, formado no ano de 1948. Nomes importantes da literatura angolana passaram pelo Movimento, dentre eles, merecem destaque os de Viriato da Cruz, António Jacinto e Agostinho Neto. A ideologia responsável pela construção do Movimento, e que serviu, também, como seu elemento impulsionador, denotava um caráter contestatário, facilmente percebidos nas publicações que se seguiram ao Movimento, a exemplo da Revista Mensagem.

2 Um dos significativos frutos do MNIA, sem dúvida, foi a publicação da Revista Mensagem. Trata-se de uma Revista que surge como um porta-voz dos intelectuais e literatos que passaram a lutar pela independência de Angola. No Editorial do primeiro número da Revista, é possível perceber o engajamento político e literário de seus mentores e criadores: “Mensagem sai hoje, para a rua, a cumprir a sua missão, levando em si, para vós, para o Mundo, uma mão cheia de esperança, um cacho de mocidade sedenta de Verdade, de Justiça e de Paz. É a mocidade de Angola, que abraça com Mensagem, os seus irmãos do Mundo; são jovens, generosos como a própria generosidade, confiante da missão que cada um tem a cumprir (...)” (Matos, 1996, p. 213, grifos do autor). Em última análise, o objetivo da Revista era denunciar o quadro de miséria que assolava Angola, sobretudo as péssimas condições sociais dos musseques, os bairros degradados de Luanda, além de lutar para

a criação de uma literatura própria, livre das amarras da literatura colonizadora.

3 O escritor Costa Andrade (1982), citado no texto Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa, de Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Tabor da Moreira, apresenta-nos um depoimento interessante acerca dos fortes elos entre a literatura brasileira e a literatura angolana: “Entre a nossa literatura e a vossa, amigos brasileiros, os elos são muito fortes. Experiência semelhantes e influências simultâneas se verificam. É fácil ao observador corrente encontrar Jorge Amado e os seus Capitães de Areia nos nossos escritores. Drummond de Andrade, Graciliano, Jorge de Lima, Cruz e Souza, Mário de Andrade, Solano Trindade e Guimarães Rosa têm uma presença grata e amiga, uma presença de mestres das jovens gerações de escritores angolanos (Fonseca; Moreira, 2007, p. 32-33).

4 Trata-se de um projeto cujo objetivo é reunir, em uma obra, as produções literárias de vários poetas angolanos contemporâneos, de modo que a diversidade e riqueza da poesia angolana seja representada.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Viriato da. *Poemas*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1961.

ERVEDOSA, C. *Roteiro da literatura angolana*. 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1979.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Tabor da. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. In: *Cadernos CESPUC de Pesquisa-PUC Minas*. Belo Horizonte, n. 16, p. 13-69, set. 2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

JUNQUEIRA, Ivan. “Quatro faces de Jorge de Lima”. In: _____. LIMA, Jorge de. *Poemas negros*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LABAN, Michel. Viriato da Cruz. *Cartas de Pequim*. Luanda: Ed. Chá de Caxinde, 2003.

LIMA, Jorge de. *Novos poemas*. Seleção de Gilberto Mendonça Teles. São Paulo: Global Editora, 2001.

LIMA, Jorge de. *Poemas negros*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

MATOS, Gramiro de. *Influências da Literatura Brasileira nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.